



RURALIDADE, NATUREZA E TURISMO: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA DE BASE TERRITORIAL E COMUNITÁRIA

Paulo Roberto Baqueiro Brandão

Resumo

Este escrito recupera e amplia o debate metodológico sobre ruralidade, natureza e turismo levado a cabo no “Encuentro de Reflexión y Diálogo Territorios Rurais na América: Realidades e Prospectivas”, realizado em setembro de 2021 sob os auspícios do Instituto Panamericano de Geografia e História e Universidad Andina Simón Bolívar, sede Equador. Trata-se de um panorama conjuntural, a partir de uma abordagem sobre a aplicação da metodologia proposta, das ações até então desenvolvidas no âmbito do projeto de Pesquisa-Ação Participante intitulado “Ativação do patrimônio biocultural do cerrado e Turismo Comunitário em Penedo, São Desidério (Bahia, Brasil)”.

Palavras-chaves: Ruralidade; Natureza; Turismo Comunitário; Pesquisa-Ação Participante.

RURALITY, NATURE AND TOURISM: A TERRITORIAL AND COMMUNITY-BASED METHODOLOGICAL APPROACH

Abstract

This article recovers and expands the methodological debate on rurality, nature and tourism carried out in the “Encuentro de Reflexión y Diálogo Territorios Rurales en América: Realidades y Prospectivas”, held in September 2021 under the auspices of the Instituto Panamericano de Geografía e História and Universidad Andina Simón Bolívar, with headquarters in Ecuador. This is a situational overview based on an approach on the

application of the proposed methodology of actions developed so far in the scope of the Participant Action-Research project entitled “Activation of the biocultural heritage of the Brazilian Cerrado and Community Tourism in the municipality of Penedo, São Desidério (Bahia Brazil)”.

Keywords: Rurality; Nature; Community Tourism; Participant Action-Research.

RURALIDAD, NATURALEZA Y TURISMO: UN ABORDAJE METODOLÓGICO CON BASE TERRITORIAL Y COMUNITARIA

Resumen

Este escrito recupera y amplía el debate metodológico sobre ruralidad, naturaleza y turismo llevado a cabo en el “Encuentro de Reflexión y Diálogo Territorios Rurales en América: Realidades y Prospectivas”, realizado en setiembre de 2021 bajo el auspicio del Instituto Panamericano de Geografía e Historia y la Universidad Andina Simón Bolívar, sede de Ecuador. Se trata de un panorama coyuntural, a partir de un abordaje sobre la aplicación de la metodología propuesta, de las acciones hasta entonces desarrolladas en el ámbito del proyecto de Investigación-Acción Participante intitulado “Activación del patrimonio biocultural del Cerrado y Turismo Comunitario en Penedo, São Desidério (Bahía, Brasil)”.

Palabras clave: Ruralidad; Naturaleza; Turismo Comunitario; Investigación-Acción Participante.

PALAVRAS INICIAIS

A pandemia da Covid-19 impôs severas transformações na sociedade, incidindo diretamente em novas formas de pensar e agir sobre a quase totalidade das práticas coletivas. Sendo uma prática que não pode prescindir de deslocamento, trocas e aglomeração (e mais ainda no seu modelo dominante, ou seja, o massificado), o turismo¹ não escapou de tal realidade, tendo sido mais afetado que a grande maioria das formas de interação social.

¹ Conforme já apontado por Brandão (2021, p. 199-200), “o turismo é, antes de tudo, uma prática espacial, uma vez que o seu fazer é causa, mediação e produto da organização e produção do espaço. Contudo, é fundamental reconhecer, também, o caráter multifacetado que a sua realização enseja”. Desta forma, no texto ora apresentado, “[...] será denominado como ‘prática’ sempre que for mencionado como uma ação realizada por turistas ou a partir das implicações espaciais que o envolvem; como ‘atividade’, quando fizer referência ao segmento da economia que é; ou ‘setor’, sempre que fizer menção às formas de solidariedade organizacional que os seus agentes hegemônicos compartilham”.

Tal conjuntura se apresenta como um problema para os destinos turísticos consolidados sob uma lógica hegemônica de turistificação, mas como uma oportunidade de reflexão e ação rumo a promoção de formas alternativas de turismo, assentadas na auto-organização comunitária, na economia solidária, no compartilhamento consequente de experiências entre visitantes e visitados e na práxis territorial.

A ideia principal contida neste texto é espelhar as concepções contidas em Brandão (2020), apresentando o projeto ali esboçado não mais como uma ideia, um porvir, mas como uma realidade sendo concretizada coletivamente, ou seja, um balanço – ainda que parcial – das ações já desenvolvidas e daquelas que estão em plena consecução. Em outras palavras, se, em texto anterior, a metodologia da proposta de Pesquisa-Ação Participante levada a cabo na localidade de Penedo, no município de São Desidério (Bahia, Brasil), era, então, um conjunto de especulações, neste, o que se pretende é demonstrar a sua aplicabilidade por meio da explicitação daquilo que já pode ser mensurado como etapas concluídas ou em plena realização.

O TURISMO É UM TEMA IMPORTANTE DEMAIS PARA SER NEGLIGENCIADO PELOS COMUNS

O turismo, em sua versão moderna, existe há pouco mais de um século e meio, tendo sido paulatinamente transformado de uma prática elitista a um desejo da classe trabalhadora, assumindo papel preponderante nos momentos de não trabalho desse grande contingente populacional e tornando lucrativos para os agentes econômicos do setor turístico os períodos de ócio (ESTEVE, 1983; CORDERO, 2006). Assim, graças a tal processo de popularização, o turismo vem adquirindo crescente centralidade nas pautas estatais, considerando que tenha se tornado, como setor da economia, um importante item para o incremento do PIB (Produto Interno Bruto) de países, estados e municípios.

Tal priorização fez do turismo – antes da pandemia de Covid-19, vale ressaltar – uma das mais dinâmicas atividades econômicas em escala planetária. Como assinalado por Brandão (2021, p. 201-202),

Ao longo deste século, em seus registros anuais, a OMT (Organização Mundial do Turismo) vinha apresentando resultados de uma atividade em expansão, ainda que com pequenas oscilações decorrentes de grandes eventos econômicos, políticos ou ambientais adversos que provocaram retração na mobilidade humana.

Como resultado desse notável desempenho, em 2019, as práticas turísticas foram responsáveis pela movimentação de 1,7 trilhão de dólares estadunidenses e cerca de 1,4 bilhão de desembarques internacionais (UNWTO, 2019), ao tempo em que aumentou sobremaneira a sua representatividade no PIB de países consagrados como grandes destinos turísticos internacionais, a exemplo de Grécia, Seychelles e Maldivas, cuja participação do turismo nas respectivas produções nacionais de riqueza, em anos anteriores à pandemia, estava enquadrado entre 20% e 40% (SEYCHELLES, 2018; MALDIVES, 2019; PODHORODECKA, 2018; BAKOGIANNIS *et al.*, 2020).

Quando analisado a partir de escalas infranacionais, o turismo é também um poderoso alavancador de incremento econômico e para ilustrar esta assertiva o caso de Cancún se mostra exemplar: a antiga e insignificante vila de pescadores é hoje uma importante metrópole mexicana, apresentando números que denotam não apenas a relevância superlativa do turismo como atividade econômica, mas também a dependência da cidade em relação aos postos de trabalho e riqueza gerados pelo setor turístico. Uma compilação de dados referentes a 2019 aponta que, em Cancún, 87% das atividades laborais estavam relacionadas ao setor de serviços, cuja maioria desses trabalhadores atenderam os cerca de 30 milhões de turistas que, por sua vez, incrementaram a economia local com algo em torno de 15 bilhões de dólares estadunidenses (GONZÁLEZ, 2020).

Muitos outros exemplos poderiam ser aqui evidenciados para enfatizar a importância atual do turismo em uma perspectiva econômica, pondo em relevo o indubitável papel que essa atividade desempenha na promoção de ativos econômicos e geração de postos de trabalho em diversos destinos de visitação. Neste sentido, a retórica largamente empregada por agentes econômicos e pelo Estado em defesa do turismo como impulsionador da economia acabou por converter essa prática em uma verdadeira panaceia global (BRANDÃO, 2014). É muito comum, pois, que o turismo seja acionado como solução redentora para reabilitação de territórios sob processos de inércia econômica.

Para tanto, é preciso preparar os espaços para que se tornem mais atrativos e receptivos aos visitantes, cabendo ao Estado assumir uma postura de fomentador das estruturas garantidoras de mobilidade (rodovias, aeroportos, passeios públicos, etc.), acomodação (água, energia, segurança, etc.) e visitação (criação de unidades de conservação, reforma de edificações históricas, requalificação de espaços, etc.), para, com isso, ampliar as condições de acumulação da iniciativa privada. Brasileiro (2012, p. 75-76) condensa esse debate afirmando que:

A ênfase desta centralidade do turismo tem recaído predominantemente no paradigma econômico, principalmente quando se trata das agendas dos governos locais, regionais ou nacional. As transversalidades que perpassam as complexas relações ambientais, socioculturais, econômicas e políticas que se constroem e se reconstroem nos destinos turísticos não estão sendo acompanhadas, na maioria dos casos, por uma análise e reflexão mais crítica.

Disso se pode depreender que, para além do incremento das finanças de entes públicos e privados, o turismo produz efeitos outros que repercutem na sociedade, cultura, política e meio ambiente de forma bastante contraditória em relação aos festejados resultados econômicos. Em pesquisa recente, Queiroz, Brandão e Laurent (2021) debruçaram-se sobre as contradições entre a urbanização turística e os conflitos socioambientais existentes em trechos dos litorais da Bahia e Ceará, constatando que, enquanto há forte apoio estatal à intensificação de investimentos turístico-hoteleiros e imobiliários em fragmentos litorâneos dos estados mencionados, aumentam substancialmente os casos de conflitos socioambientais reportados por veículos jornalísticos, o que revela a dialética que substantiva o acelerado processo de turistificação de espaços ambiental, social e economicamente frágeis. Outros exemplos podem ser observados, dentre tantos, por meio dos estudos realizados por Cordero (2006), para o caso do cantão de Quepos (Costa Rica), Parumani (2016), ao analisar o desenvolvimento contraditório do turismo no caminho pré-colombiano de Chorro (Bolívia), e Pérez e Gustavino (2020), na sua abordagem empírica sobre a transformação do rural em espaço de consumo na província de Buenos Aires (Argentina).

Decorre desse conjunto de constatações a necessidade premente de difundir um debate crítico sobre a importância do turismo para as gentes comuns, as mesmas que, no mais das vezes e quando muito, se veem relegadas a assumirem papéis subalternos e precarizados, ainda que componham uma força de trabalho indispensável à realização do turismo, afinal, reiterando o que está posto no título desta seção, essa prática é importante demais para ser negligenciada ou permanecer desconhecida pela população que é afetada por sua realização. Além disso, caminhando para um sentido inverso ao processo dominante, marcado pela produção e consumo dos espaços por agente econômicos segundo lógicas hegemônicas, o turismo pode ser uma alternativa ao desenvolvimento de formas de reprodução social e econômicas assentadas em princípios de emancipação, autonomia, solidariedade e coesão comunitárias “desde abaixo”.

Neste contexto, Cordero (2006, p. 38) afirma que “[...] *la democratización generalizada del turismo debería ser una de las aspiraciones de la lucha de los movimientos sociales y de las organizaciones tradicionales de los/as trabajadores/as*”, isto valendo tanto para o seu usufruto em momentos de ócio, como forma de recuperar “*el valor de uso de la diversión y del turismo*” (Idem, p. 11), quanto para a apropriação plena das forças produtivas – o território aí incluído – que tornam possível a prática turística em uma perspectiva alternativa àquela que atualmente é a dominante.

Conhecer sobre o turismo, seus benefícios e malefícios, potencialidades e limites, é a base para o desenvolvimento de projetos com viés comunitário. Conforme adverte Santos (2002), a contemporaneidade do capitalismo faz surgir como tendência uma união vertical dos lugares, por meio de um crescente processo de hierarquização e subordinação de uns fragmentos de espaço por outros, reafirmando, assim, a existência de espaços de comando e espaços de obediência. Contudo, ainda segundo esse autor, “[...] os lugares também se podem refortalecer horizontalmente, reconstruindo, a partir das ações localmente constituídas, uma base de vida que amplie a coesão da sociedade civil, a serviço do interesse coletivo” (p. 194).

OS VÍNCULOS ENTRE TURISMO, NATUREZA E RURALIDADE

Muito se diz sobre uma suposta dependência da natureza pelo turismo quanto à capacidade deste propiciar meios à preservação daquele. Contudo, tal assertiva funciona mais como “publicidade legitimadora de uma espécie de ‘*selo verde*’” (BRANDÃO, 2019, p. 272, *itálico no original*) que como relato de efetiva ação em favor da manutenção dos processos físico-ambientais de um dado destino turístico. Ainda que esta crítica não permita uma generalização absoluta, considerando a existência de iniciativas legítimas que buscam harmonizar as experiências dos visitantes com os limites de apropriação dos elementos biótico, abióticos e culturais de um espaço turístico, não há como negar, por outro lado, a majoritária presença de um mercado ávido por estabelecer formas de acumulação de riqueza que explorem a natureza como recurso.

Neste sentido, ao contrário do que costuma ser sobejamente propalado, é o turismo que depende da natureza, sem a qual muitas das atividades de lazer e visitação não existiriam. Não por outro motivo, espaços de relevante interesse natural – entre os quais pode-se incluir espaços rurais – têm sido transformados em recurso, revalorizados e, no mais das vezes, quase que como uma sina inescapável, acabam tendo redobrada a sua importância como objetos de consumo turístico.

Além do aspecto anteriormente relatado, há que se considerar que o turismo, no contexto rural contemporâneo, ao menos em sua versão dominante, tem sido apropriado pelo capitalismo como parte de uma retórica denominada de novas ruralidades (SILVA, 1997). Embora não seja possível negar que o campo passou por transformações significativas nas últimas décadas como resultado da incorporação de certas – e seletivas – inovações, sinteticamente exemplificadas nas formas de habitar das segundas residências e condomínios, nas formas de produzir do agronegócio e suas agroindústrias e nas formas de experiências geradas pelo Turismo Rural, Agroturismo e Ecoturismo, por exemplo, é fato que essas atividades e práticas acabam por reproduzir, em seu conjunto, um discurso que, em síntese, exalta processos de (re)dinamização econômica, (re)valorização cultural, reversão do êxodo rurale redução das desigualdades, o que nem sempre condizem com a realidade.

Neste contexto, o rural tem se convertido em um sedutor produto turístico, na medida em que, como já mencionado, adquiriu o *status* de redentor das economias em inercia, das populações em fuga e das culturas e ambientes naturais sob ameaça, ao tempo em que, por outra parte, atrai sujeitos desejosos por “[...] *prácticas que (re)valorizan [una] supuesta condición de ‘refugio’ de naturaleza intocada [...], pero también como um refugio de tradiciones, prácticas y costumbres rurales*” (CÁCERES, 2020, p. 48).

Não obstante, nem sempre o cotidiano do campo é espetacular o suficiente para gerar intermináveis atrativos de suporte à realização do turismo, o que acaba por produzir profundas transformações materializadas em processos de especialização territorial produtiva (SANTOS e SILVEIRA, 2001). Assim, convergindo com o demonstrado por Rodrigues (1998), os espaços rurais dominados pelo turismo como atividade hegemônica são saturados em novos objetos técnicos, como tobogãs, tirolesas, catamarãs, entre outros, e em ações milimetricamente pensadas para agradar o gosto do freguês, como uma sucessão de passeios, danças e atividades físicas, degustações, etc., muitos dos quais alienados e alienadores da realidade cotidiana do espaço rural.

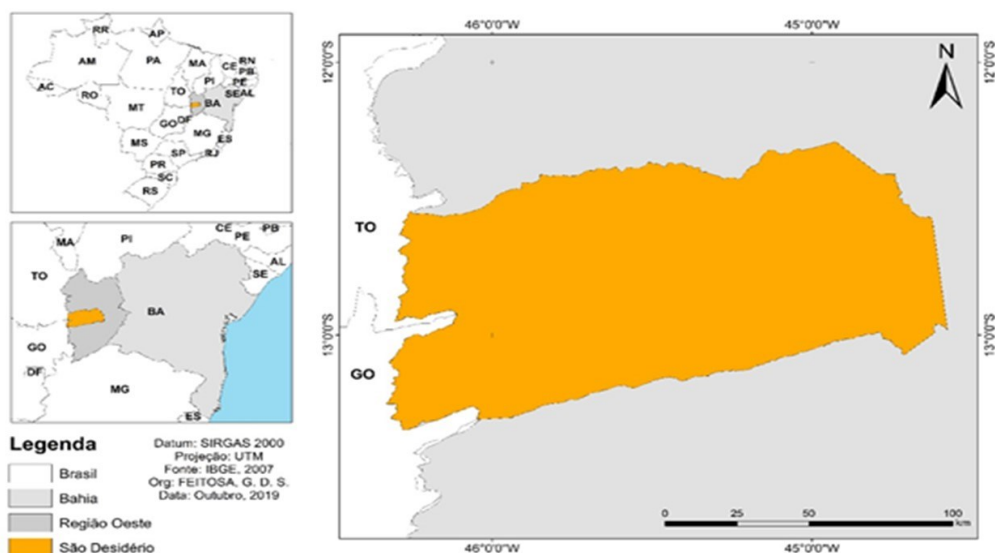
A constatação de que tal processo de ressignificação e reestruturação do rural incide sobre as comunidades locais de forma contraditória acaba por compor o cerne de propostas que propugnam o Turismo Comunitário como uma alternativa ao modelo hegemônico vigente de turistificação do campo, construídas a partir dos anseios das populações locais, por meio da união de saberes populares e conhecimentos científicos e gerando transformações qualitativas baseadas na auto-organização, na economia social e na práxis territorial, este último surgindo como amálgama dos anteriores.

Vale observar, portanto, que, no âmbito do projeto de pesquisa que aqui se pretende explicitar, o turismo não é tido como um mal em si mesmo ou que deva ser extirpado das comunidades rurais. Ao contrário, há um franco posicionamento de valorização dessa prática – e da atividade que enseja – como uma alternativa ao hodierno modelo de racionalização extrema do campo, desde que, em qualquer de suas etapas de desenvolvimento, o processo de turistificação não leve as populações locais envolvidas a formas de subordinação que apenas repliquem o *modus operandi* das práticas e atividades econômicas que ora vigem como matrizes de apropriação hegemônica dos espaços rurais brasileiros.

PASSOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA PROPOSTA DE COOPERAÇÃO

A proposta metodológica que vem sendo experimentada no povoado de Penedo, município de São Desidério, no estado da Bahia (Figura 1), foi e segue sendo resultado de amplos debates entre alguns representantes do grupo de pesquisa Dinâmicas Espaciais e Desenvolvimento Territorial (credenciado pela Universidade Federal do Oeste da Bahia) e a comunidade local, a partir da demonstração de interesse desta em desenvolver, em parceria com aquela, uma proposta de Turismo Comunitário, com enfoque na ativação do patrimônio biocultural dos cerrados, conforme apontado por Brandão (2020).

Figura 1 – Localização de São Desidério (Bahia, Brasil).



Fonte: Feitosa (2021).

Com cerca de 15 mil km², o município de São Desidério é um dos maiores da Bahia em extensão territorial, superando, por exemplo, países como Timor Leste, Catar e Jamaica. Essa unidade político-administrativa está totalmente inserida no domínio do cerrado, cujas feições dominantes são assim caracterizadas por Ab'Saber (2003):

Quando se atingem as áreas interiores [...], depara-se com o arranjo clássico, homogêneo e monótono da paisagem peculiar às áreas de savana. As formações vegetais talvez não sejam tipicamente de savanas, mas o arranjo e a estrutura de paisagens constituem uma amostra perfeita dos quadros paisagísticos zonais, que caracterizam essa unidade tão frequente do cinturão intertropical do globo. Nos interflúvios elevados dos “chapadões”, onde predominam formas topográficas planas e maciças e solos pobres (latossolo e lateritas), aparecem cerrados, cerradões e campestres, os quais, via de regra, descem até a base das vertentes, cedendo lugar ao fundo aluvial dos vales às florestas-galeria, em geral largas e contínuas (p. 30).

[...]

A drenagem superficial da área do cerrado é composta por duas nervuras hidrográficas apenas totalmente integradas durante a estação chuvosa. Há uma drenagem perene, ao fundo dos vales, que responde pela alimentação das florestas-galeria nos intervalos secos. E existe uma trama fina e mal definida de caminhos d'água intermitentes nos interflúvios largos, a qual, associada com a pobreza relativa dos solos, responde pela ecologia do cerrado (p. 30-31).

[...]

A vegetação dos cerrados, tendo se desenvolvido e se adaptado, em algum momento do Quaternário (ou mesmo dos fins do Terciário), a essa estrutura de paisagens, de planaltos tropicais interiorizados dotados de solos lateríticos, é certamente um dos quadros de vegetação mais arcaicos do país (p. 31).

Em 2020, um estudo realizado pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, com dados da PAM/IBGE (Pesquisa Agrícola Mensal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), revelou que 66,5% de toda riqueza gerada em São Desidério advém da produção de *commodities* como soja, algodão e milho, situando-o como o município de maior participação do setor agropecuário no PIB (Produto Interno Bruto) municipal total, considerando todo o conjunto de unidades político-administrativas do país (BRASIL, 2020).

Contudo, importa salientar que, a despeito dos vultosos resultados decorrentes desse processo de especialização territorial produtiva baseada na formação de uma economia agrária altamente tecnicizada, há que se considerar que

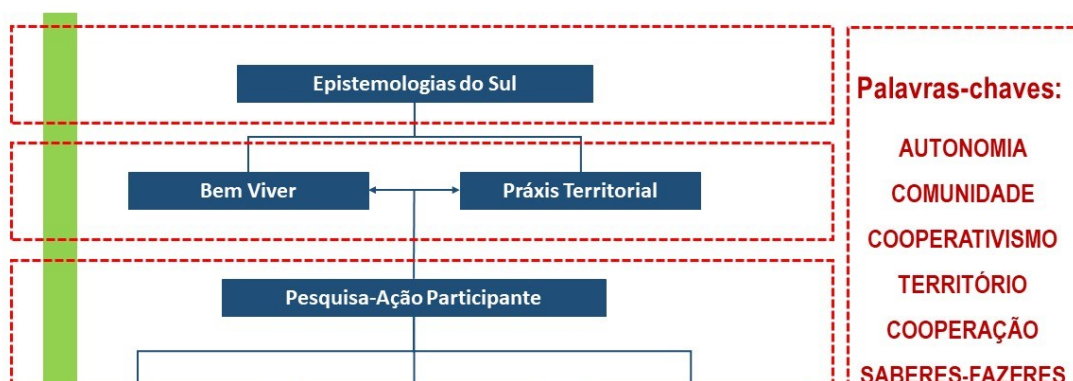
[..] esse modelo de desenvolvimento capitalista é a base para algumas contradições socioterritoriais que perduram há décadas em São Desidério, seja quanto ao relativo isolamento sociocultural, político e econômico das comunidades rurais, tradicionais e quilombolas, ou mesmo quanto aos conflitos socioambientais, principalmente aqueles ligados à apropriação da terra e aos usos da água [...] (BRANDÃO, 2020, p. 91).

O povoado de Penedo, por sua vez, é formado por um pequeno casario que ocupa as duas margens de um trecho do médio curso do Rio das Fêmeas – um subafluente do Rio São Francisco – e que abriga cerca de 220 habitantes. Distante 28 quilômetros da sede municipal, cujo acesso se dá pela rodovia estadual BA-463 (pavimentada) e estrada rural (não pavimentada), a localidade preserva características típicas de uma ruralidade assentada nas práticas da agricultura familiar, além de ter, no seu entorno, espaços relativamente bem preservados de vegetação do tipo mata-galeria que protege nascentes e pequenos cursos d'água alimentadores do Rio das Fêmeas.

Em Penedo, o cerrado possui feições particulares, o que, sob alguns aspectos, influencia no modo de vida daquela população, dada a sua estreita relação com os ritmos da natureza, em especial quanto às práticas produtivas, sejam elas agrícolas ou artesanais. Da constatação da existência dessa idiosincrasia estabelecida na relação sociedade-natureza que se pretende desenvolver uma proposta de turismo comunitário a partir da ativação do patrimônio biocultural do cerrado no entorno do povoado.

Como construção centrada na valorização da autonomia e organização comunitárias e de caráter francamente contra-hegemônico, a proposta foi inspirada no ideário que o termo Epistemologias do Sul (SANTOS, 1995) encerra e que está sintetizado no esquema a seguir (Figura 2).

Figura 2 – Esquema sinótico dos elementos epistemológicos e metodológicos do projeto.



Fonte: elaboração própria (2021).

Em uma perspectiva teórico-metodológica, a proposta em tela adere a abordagens da Teoria Social Crítica, com ênfase naquelas produzidas em âmbito geográfico (PIGNANTE, DANSERO e LODA, 2015; SANTOS, 2002, 2008; SAQUET, 2015, 2019), e dos Métodos Participativos (DIEZ, 2014, 2018a, 2018b; FREIRE, 1982, 2013), especialmente na Pesquisa-Ação Participante (FALS, 1999). Além disso, ao convergir com iniciativas baseadas na cosmovisão e experiências de comunidades, busca-se uma filiação epistemológica com o chamado *Buen Vivir* (SCHAVELZON, 2015; ACOSTA, 2016).

Neste sentido, as atividades programáticas foram e seguem sendo executadas – em suas distintas fases, aqui chamadas de “tempos” – a partir da mobilização comunitária em torno de procedimentos e técnicas participativos que valorizam os saberes-fazeres locais, as experiências e vivências dos moradores com/no território. Decorre disso o emprego do Mapeamento Participativo Comunitário, com ênfase no Mapeamento de Atores (TAPELLA, 2007; ALGRANATI, BRUNO e IOTTI, 2012) e na Cartografia Social (ARIAS, 2015; DIEZ, 2018a; 2018b), além de auscultas qualificadas. Assim, em conformidade com os pressupostos anteriormente mencionados, serão apresentadas as linhas de atuação de cada um dos tempos do projeto e as ações executadas, em desenvolvimento ou por iniciar.

O primeiro tempo, denominado de “(Re)conhecimento e Acolhida”, ocorreu ao longo dos meses de novembro e dezembro de 2019, imediatamente após um convite de representantes da comunidade de moradores de Penedo a este autor para contribuir na sistematização de um conjunto de ideias relativas ao desenvolvimento de uma iniciativa de implantação de um projeto turístico local. Esse tempo consistiu em

[...] criação de um processo de aproximação mútua entre comunidade e universidade, a partir da mediação da Secretaria de Meio Ambiente e Turismo de São Desidério, com o intuito de promover uma convergência de interesses e estabelecer uma relação de confiança e um ambiente de criatividade entre os envolvidos [...] (BRANDÃO, 2020, p. 96).

Para tanto, considerando a anterioridade da realização das atividades em relação à pandemia da Covid-19, foram propiciados momentos de auscultas coletivas, tanto em reuniões com irrestrita participação dos interessados quanto com grupos focais (mulheres, idosos e jovens) que permitiram estabelecer um ambiente de confiança e coparticipação dos envolvidos (Figura 3). Além disso, foi apresentada a ideia geral do projeto, mas com a devida abertura para que os membros da comunidade pudessem expressar seus desejos e demandas frente à proposta e apresentar sugestões quanto à realização das atividades.

Figura 3 – Ausculta coletiva na comunidade de Penedo.



Fonte: acervo do autor (2019).

O segundo tempo, que resulta na “Sistematização de Conhecimentos”, foi executado entre fevereiro de 2020 e junho de 2021 e diz respeito à realização do

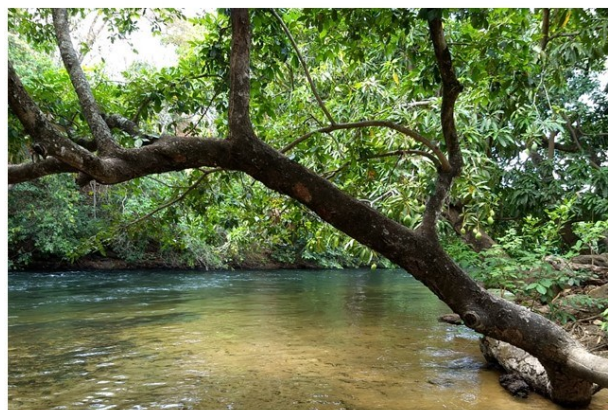
conjunto de atividades investigativas sobre a relação comunidade e natureza a partir do desvelamento de suas territorialidades e temporalidades e tem como objetivo sistematizar e retroalimentar o conhecimento que a comunidade tem de si e do seu território.

[...]

Ademais, é o momento ideal para obtenção de relatos circunstanciados (árvore de problemas), registros de imagens (fotografias e filmagens) e levantamento de dados geoespaciais (GPS) (BRANDÃO, 2020, p 96-97).

Nesse tempo, parte das ações foi realizada antes dos desdobramentos das contaminações pela Covid-19, enquanto outras foram desenvolvidas já em contexto pandêmico, o que, neste último caso, interferiu no ritmo e na forma de execução dessas atividades, impondo à equipe um esforço de redimensionamento de parte da metodologia planejada e o emprego de recursos não previstos originalmente. Dentre as atividades realizadas *in loco* (Figura 4), destacam-se os momentos de aplicação de procedimentos de Mapeamento Participativo Comunitário e visitas técnicas, esta última, inclusive, sendo essencial para a revelação de um conflito pelo acesso à água decorrente do barramento, à montante, do Rio das Fêmeas para produção de energia elétrica pela PCH (Pequena Central Hidrelétrica) do Rio Grande.

Figura 4 – Ações de (a) mapeamento coletivo participativo e (b) visita técnica em Penedo.



Fonte: acervo do autor (2020).

Quanto às atividades executadas remotamente, duas foram as estratégias adotadas, sendo a primeira a realização de buscas remotas junto às secretarias municipais. Desse modo, graças à colaboração de servidores municipais, a equipe pôde obter dados (a) sociodemográficos junto à secretaria municipais de Assistência Social e de Saúde acerca do quantitativo total de residentes em Penedo (por faixa etária e sexo) e de famílias atendidas, respectivamente, por políticas públicas e por programas de saúde pública, (b) dados educacionais, em especial, sobre o número de residentes em idade escolar, com frequência ativa em escolas e em quais unidades escolares estão matriculados; e (c) dados relativos à produção agropecuária, não apenas no que concerne aos números de famílias de agricultores, mas também quanto aos beneficiários de programas ligados ao desenvolvimento rural. Todos esses dados foram tratados e arquivados, permitindo à equipe executora traçar um perfil dos residentes de Penedo.

No que tange à segunda demanda, relativa à tomada de conhecimento acerca da história local, cuja fonte única é a memória oral, a equipe executora recorreu a uma estratégia que permitiu obter as narrativas e montar um acervo iconográfico mesmo em um contexto de pandemia: a realização de uma gincana com os jovens de 11 a 18 anos da localidade, que formaram oito duplas. As provas solicitaram coletas de fotografias e vídeos antigos junto aos familiares, áudios com relatos de moradores antigos e a escrita de textos sobre a história local, cujos resultados foram enviados por meio de um grupo de WhatsApp© criado exclusivamente para essa finalidade. Tal prática permitiu o cumprimento das atividades de ausculta, obtenção de relatos circunstanciados e formação de um acervo de imagens, ao tempo em que se manteve o isolamento e distanciamento sociais em relação aos residentes do povoado de Penedo.

Vale salientar ainda que o projeto contemplava a execução de Oficinas de Formação Comunitária, cujo propósito era apresentar e debater junto à comunidade temas como Associativismo e Cooperativismo, Solidariedade e Autonomia Comunitárias, Economia Social e Solidária e Turismo Comunitário. Assim, a despeito da não ocorrência dos encontros presenciais previstos, a equipe do projeto traçou uma estratégia alternativa que ao menos permitiu aos moradores de Penedo um primeiro contato com os temas mencionados: a criação de *podcasts*, que foram difundidos por meio de WhatsApp®.

Com a consecução das atividades no transcorrer desse tempo, foi possível obter conhecimentos que subsidiaram a formulação de relatórios sobre (a) a delimitação territorial de Penedo; (b) caracterização das territorialidades e temporalidades locais; e (c) caracterização dos saberes-fazeres locais, além de orientar a operacionalização de algumas das atividades do projeto, em sua fase subsequente.

Com tais conhecimentos devidamente sistematizados, foi possível avançar na execução de algumas ações do terceiro tempo, denominado “Cooperação Comunidade-Universidade”, que corresponde à fase na qual são desenvolvidas as atividades que efetivamente resultarão em um processo de implementação e consolidação do Turismo Comunitário no povoado de Penedo. Assim, as ações em execução ou em vias de serem iniciadas são: (a) estudo sobre conflitos e tensões relacionadas ao acesso desigual à água na bacia do Rio das Fêmeas, (b) desenvolvimento de um plano diretor para uma trilha interpretativa da natureza a ser utilizada para a realização de práticas socioeducativas com estudantes e visitantes em geral, (c) desenvolvimento de um plano diretor para um camping, a ser utilizado como local de acolhimento e hospedagem dos visitantes e, por fim, (d) uma projeto de Educação Ambiental participativa que contemple aspectos como coleta, manejo e reutilização/reciclagem do lixo sólido, convivência com o Rio das Fêmeas e preservação dos cerrados.

PALAVRAS FINAIS

Passada a fase de grande adversidade sanitária causada pela Covid-19 em escala planetária, o turismo pode vir a ser uma das práticas/atividades a exercer importante papel na construção de alternativas à (mais uma) crise do modo de produção capitalista, cujo início precede a pandemia (DAVIS, 2020; SANTOS, 2020), tendo sido apenas agravada por tal fenômeno. Assim, o turismo de proximidade, realizado não muito distante dos espaços emissores de turistas e que valorize as experiências de imersão cultural e ambiental desses

visitantes, mas sem exercer pressão sobre as comunidades receptoras, é um modelo a ser considerado como alternativa ao já exaurido paradigma da massificação turística.

Nesse sentido, o projeto ora apresentado é uma tentativa de aproximar comunidade (seus saberes-fazer e experiências) à universidade (com seu conhecimento científico), em um processo cooperativo de (auto) organização da prática/atividade turística na localidade de Penedo, em São Desidério. Por meio desse projeto de Pesquisa-Ação Participante construído coletivamente, busca-se equacionar, pelo viés do Turismo Comunitário, o interesse dessa comunidade em intercambiar experiências e a possibilidade da sua execução assentada nos princípios da autonomia (TZUL TZUL, 2015; 2019), economia social (CORAGGIO, 2011) e práxis territorial (SAQUET, 2019).

Este balanço parcial explicita parte do projeto, contemplando as fases (ou tempos) já realizados ou em plena realização, demonstrando sua exequibilidade, a despeito dos contratempos impostos pela pandemia da Covid-19. Por ser um projeto cooperativo de longo prazo, outras ações estão sendo/serão continuamente gestadas, sob impulso da troca e acumulação mútuas de conhecimentos entre as partes envolvidas, ou seja, comunidade e universidade. Portanto, cabe ressaltar que este panorama reflete o momento atual em que a Pesquisa-Ação Participante se insere.

Referências

- AB'SABER, A. **Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê, 2003.
- ACOSTA, A. **O bem viver**. Uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.
- ALGRANATI, S.; BRUNO, D.; IOTTI, A. **Mapear actores, relaciones y territorios: una herramienta para el análisis del escenario social**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2012.
- ARIAS LLUMIQUINGA, M. **La cartografía técnica y la cartografía social: dos propuestas metodológicas para el diagnóstico territorial. Una experiencia de mapeo participativo en la Parroquia Amaguaña**. Tesis de Maestría en Estudios Socioambientales (Departamento de Desarrollo, Ambiente y Territorio). Quito: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, 2015.
- BAKOGIANNIS, E.; VLASTOS, T.; ATHANASOPOULOS, K.; CHRISTODOULOPOULOU, G.; KAROLEMEAS, C.; KYRIAKIDIS, C.; NOUTSOU, M.; PAPAGERASIMOU-KLIRONOMOU, T.; SITI, M.; STROUMPOU, I.; VASSI, A.; TSIGDINOS, S.; TZIKA, E. Development of a Cycle-Tourism strategy in Greece based on the preferences of potential cycle-tourist. **Sustainability**, v. 12, n. 6, 2020, p. 1-14.

BRANDÃO, P. **Territórios do turismo, territórios de todos?** Um estudo sobre formação de territórios em balneários turísticos litorâneos do Nordeste do Brasil. Curitiba: CRV, 2014.

_____. A retórica do ecoturismo em municípios da Chapada Diamantina: um olhar sobre Iraquara e Lençóis. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 9, n. 2, p. 270-279, 2019.

_____. Ativação do patrimônio biocultural do cerrado e turismo comunitário: notas metodológicas a partir do caso de Penedo (São Desidério, Bahia - Brasil). **Revista Geográfica**, v. 161, p. 83-100, 2020.

_____. Quê turismo, para qual turista? Reflexões sobre um porvir para a prática turística no pós-pandemia. In: BRANDÃO, Paulo (Org.). **Cenários Pós-pandemia: reflexões sobre o Sul Global e outros territórios**. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 199-219, 2021.

BRASIL. Municípios com alta produção agrícola impactam PIB local, mostra estudo do Mapa. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**, Produção Agrícola Municipal, Brasília, 15 out. 2020. Disponível em: <www.gov.br/agricultura>. Acesso em 19 set. 2021.

BRASILEIRO, M. Desenvolvimento e turismo: para além do paradigma econômico. BRASILEIRO, M.; MEDINA, J.; CORIOLANO, N. (Org.). **Turismo, cultura e desenvolvimento**. Campina Grande: Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2012, p. 75-98.

CÁCERES, C. “El turismo como excusa”. La (re)articulación del territorio a través del turismo rural comunitario en los Valles Calchaquíes de Salta (Argentina). **Archivos do CMD**, v. 8, n. 1, p. 44-68, 2020.

CORAGGIO, J. **Economía Social y Solidaria**. El trabajo antes que el capital. Quito: Abya Yala, 2011.

CORDERO ULATE, A. **Nuevos ejes de acumulación y naturaleza**. El caso del turismo. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006.

DAVIS, M. A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. In DAVIS, M.; HARVEY, D.; BIHR, A.; ZIBECHI, R.; BADIOU, A.; ŽIŽEK, S. **Coronavírus e a luta de classes**. Teresina: Terra Sem Amos, 2020, p. 5-12.

DIEZ TETAMANTI, J. (Org.). **Hacia una Geografía Comunitaria**. Abordajes desde cartografía social y sistemas de información geográfica. Comodoro Rivadavia: Editorial Universitaria de la Patagonia, 2014.

_____. Cartografía Social, cartografías y multiplicidad. Producir método desde la trayectoria en la Patagonia Central. +E - **Revista de Extensión Universitaria**, v. 9, n. 8, p. 145-156, 2018a.

_____. **Cartografía Social: teoría y método**. Estrategias para una eficaz transformación comunitaria. Buenos Aires: Byblos, 2018b.

ESTEVE SECALL, R. **Turismo, ¿democratización o imperialismo?** Málaga: Universidad de Málaga, 1983.

FALS BORDA, O. Orígenes universales y rectos actuales de la IAP (Investigación Acción Participativa). **Análisis Político**, n. 38, p. 71-88, 1999.

Paz e Terra, 2013.

FEITOSA, G. Proposta de implantação de um geoparque em São Desidério (Bahia). In: BRANDÃO, P. (Org.). **Cerrados baianos: abordagens interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Telha, p. 35-60, 2021.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GONZÁLEZ DÍAZ, M. Cancún reabre para turistas após 3 meses fechada e até US\$ 1 bilhão de prejuízos. In **BBC News**, Mundo, 9 jun. 2020. Disponível em: <www.bbb.com>. Acesso em 11 ago. 2021.

MALDIVES. **MaldivesFifthtourism master plan**. Male: MinistryofTourism, 2019.

PARUMANI AJACOPA, R. **Impactos ambientalesgenerados por laactividad turística enelcamino precolombino del “Chorro”**. Tesis de grado (Licenciatura en Turismo). La Paz: Universidad Mayor San Marcos, 2016.

PÉREZ WINTER, C.; GUSTAVINO, M. Ruralidades turísticas del campo pampeano-bonaerense (Argentina). **Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 4, p. 789-810, 2020.

PIGNANTE, E.; DANSERO, E.; LODA, M. Geografia e cooperazioneallosviluppo: prospettive e agende diricerca. **Geotema**, anno XIX, n. 48, p. 5-24, 2015.

PODHORODECKA, K. Islandtourismduringtheeconomic global crisis. **MiscellaneaGeographica**, v. 22, n. 3, 2018, p. 130-141.

QUEIROZ, A.; BRANDÃO, P.; LAURENT, F. Lesconflits socio-environnementauxdansles espaces touristiqueslittorauxdesÉtats de Bahia et du Ceará auBrésil. **Cybergeogéographie – Revue Européenne de Géographie**, n. 991, p. 1-23, 2021.

RODRIGUES, A. Turismo Eco-rural: interfaces entre o Ecoturismo e o Turismo Rural. In: ALMEIDA, J.; FROELICH, J.; RIEDL, M. (Org.). **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, p. 85-96, 1998.

SANTOS, B. **Toward a new common sense: Law, Science andPolitics in theParadigmaticTransition**. New York: Routledge, 1995.

_____. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

_____. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. **O Brasil**. Território e sociedade no início do século XXI. Record: Rio de Janeiro, 2001.

SCHAVELZON, S. **Plurinacionalidad y VivirBien/Buen Vivir**. Dos conceptos leídos desde Bolivia y Ecuador post-constituyentes. Quito: Abya-Yala, 2015.

SAQUET, M. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

_____. **Saber popular, práxis territorial e contra-hegemonia**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

SEYCHELLES. **Seychelles tourism master plan**. Part 1: situational analysis for a sustainable and responsible tourism. Updated 2018. Victoria: Ministry of Foreign Affairs and Tourism, 2018.

SILVA, J. O novo rural brasileiro. **Nova Economia**, v. 7, n. 1, p. 43-81, 1997.

TZUL TZUL, G. Sistema de gobierno comunal indígena: la reproducción de la vida. **El Apantle**, n. 1, p. 125-140, 2015b.

_____. La forma comunal de la resistencia. **Revista de la Universidad de México**, Dossier Abya Yala, n. 847, p. 105-111, 2019.

UNWTO (WORLD TOURISM ORGANIZATION). **International tourism highlights**. 2019 Edition. Madrid: United Nations World Tourism Organization, 2019.

Paulo Roberto Baqueiro Brandão

Docente da Universidade do Oeste da Bahia

OrciD: <http://orcid.org/0000-0002-8342-9130>

Email: paulobaqueiro@ig.com.br

Artigo recebido em 09/04/2022 e aceito em 09/04/2022